

NOVOS RUMOS DA EDUCAÇÃO: COMO AS EXPERIÊNCIAS RECENTES DE EDUCAÇÃO *ON-LINE* PODEM AJUDAR A REPENSAR A ESCOLA**Ana Luiza Machado de Codes**

Especialista em políticas públicas e gestão governamental e coordenadora da área de educação da Diretoria de Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.

E-mail: <ana.codes@ipea.gov.br>.**Herton Ellery Araújo**

Diretor-adjunto e técnico de planejamento e pesquisa da Disoc/Ipea.

E-mail: <herton.araujo@ipea.gov.br>.DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/td2749>

Vivemos tempos difíceis. A humanidade atravessa uma época marcada por perdas, lamentos, desamparos, vulnerabilidades e incertezas – presentes e futuros, materiais e imateriais. Nesse contexto, experiências recentes mostraram que já existem ferramentas e dispositivos tecnológicos capazes de transmigrar interações presenciais para ambientes virtuais, notadamente no caso da instituição escolar.

Ainda que as modalidades de ensino a distância já existissem antes, a pandemia radicalizou a experiência de educação *on-line*. Alargou limites, apresentou resultados e apontou perspectivas promissoras – ensejando, com isso, as questões que norteiam este texto: como as experiências recentes de educação *on-line* podem ajudar a repensar a escola? Que tendências que se podem auscultar a partir delas? Que rumos se anunciam para o modo de fazer educação nos próximos tempos? A intenção aqui é ponderar sobre a escola de maneira mais ampla e a longo prazo, tendo em vista a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem, sem necessariamente se atrelar ao meio pelo qual eles acontecem.

Análises bibliográficas e de experiências nacionais e internacionais permitiram discernir três dimensões principais de atuação, que estão sob a alçada das políticas públicas e de educadores: i) a diminuição das desigualdades digitais; ii) o apoio socioemocional aos estudantes; e iii) a formação de professores, métodos e materiais instrucionais. O desenvolvimento de ações nessas três frentes poderia tornar os sistemas educacionais mais abertos, flexíveis e inclusivos, para levar adiante processos de ensino nas modalidades presencial e a distância.

Como a empreitada extrapola os limites escolares propriamente ditos, é importante contar com uma institucionalidade bem estruturada de acompanhamento dos sistemas educacionais. Por isso, as políticas de gestão educacional ganham centralidade entre os esforços para a concretização e disseminação das visões de futuro projetadas ao longo deste texto.

Nesse aspecto, o cenário brasileiro é alentador, uma vez que algumas Unidades da Federação já dispõem de excelentes modelos de gestão educacional, alinhados com as tendências internacionais mais recentes, que vêm demonstrando bons resultados. Menção especial pode ser feita ao caso do Ceará, estado socioeconomicamente menos favorecido, cuja experiência bem-sucedida tem potencial para ser implantada em outros pontos do território nacional. Sob essa inspiração, a União teria um papel protagonista a exercer: convocar e harmonizar os esforços de distintas esferas de governo em torno de um projeto colaborativo para o aperfeiçoamento do sistema educacional brasileiro.

Por fim, é significativo notar como o “espírito de colaboração” entre atores é o caminho vislumbrado para que se possa chegar às projeções desejadas. O apoio recíproco entre atores – pessoas, comunidades ou instituições – apareceu como o fio condutor de todas as demandas e propostas que têm sido cogitadas no debate recente, nacional e internacional. Em amplos termos, essa seria a resposta possível de ser dada, neste momento, aos questionamentos sobre as tendências e rumos que se anunciam para o modo de fazer educação daqui por diante.